

O PRAZER DE SE PESQUISAR OUTRAS LINGUAGENS: AS HQS PORNOGRÁFICAS DE CARLOS ZÉFIRO E A PESQUISA HISTORIOGRÁFICA ACERCA DA MASCULINIDADE E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Alexandre Augusto Fernandes da Silva¹

Resumo: O trabalho objetiva analisar a masculinidade nas HQs de Carlos Zéfiro, a partir de questões propostas pelos Estudos Queer e pela perspectiva recente dos men's studies que propõem estudar a expressão das masculinidades, assentada em termos desconstrutivos de uma suposta identidade masculina fundamentada em elementos hegemônicos. Os principais referenciais teóricos que respaldam a pesquisa são os conceitos, e suas problematizações: performance, identidade e materialidades dos corpos (Judith Butler); gênero (Joan Scott); deslizamento e processo de desconstrução de lógica binária (Jaques Derrida); masculinidade hegemônica. Pretende assim contribuir com reflexões para os estudos da sexualidade, masculinidade, Teoria Queer e gênero na área de Ciências Humanas e Sociais e dos Estudos de Cultura e Sociedade.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos, Masculinidade, Estudos Queer.

Este trabalho pretende analisar e investigar as histórias em quadrinhos (HQs) eróticas produzidas clandestinamente entre as décadas de 1950-1970, pelo artista anônimo Carlos Zéfiro. Objetiva-se analisar a sexualidade em 200 HQs disponíveis. Os principais pontos que serão discutidos são: a masculinidade e as corporalidades. O estudo tem por respaldo teórico-metodológico: os Estudos Queer, os Men's studies (estudos da masculinidade) e os estudos de Gênero. O esforço é de permitir um diálogo mais estreito entre estas perspectivas, possibilitando críticas e questões entre as mesmas, baseando na leitura crítica das HQs de Carlos Zéfiro.

Carlos Zéfiro foi o pseudônimo de um desenhista que publicou HQs eróticas durante três décadas no Brasil. Sua identidade foi revelada apenas em 1991, pelo Otacílio D'Assunção, outro quadrinista famoso brasileiro conhecido por OTA, sua revelação ocorreu numa reportagem de homenagem (ref.: O fim de 30 anos de mistério. *Playboy*, São Paulo, ano 17, n. 196, p. 94-97), assinada pelo jornalista Juca Kfourir, ocorrida na revista *Playboy* no mesmo ano. Descobriu-se que Carlos Zéfiro era um funcionário público carioca do setor de Imigração do Ministério do Trabalho, chamado

¹ Graduando em História (Bacharel/Licenciatura) na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: alexandrehist@hotmail.com.



Alcides Aguiar Caminha (nascido no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1921 e morto em 5 de julho de 1992), que salvaguardou sua identidade para não ter problemas legais por trabalhar para o serviço público. Já que seus quadrinhos circularam em uma época de forte repressão e censura, notadamente os amordaçados anos 60 e 70, que suas HQs de conteúdo pornográfico atentavam contra a moral e os bons costumes, vigentes nas décadas de 1950-1970, sob diferentes regimes políticos que proibiam e patrulhavam este tipo de produto. Então para não ser enquadrado na "incontinência pública escandalosa", assinava pseudônimo e nunca revelou para familiares o seu trabalho que foi uma espécie de “bico”, para arrecadar uma renda extra.

As HQs foram produções clandestinas que circularam em bancas e revistarias de todo o Brasil, notadamente no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, durante as décadas de 1950 até 1970, permanecendo anos posteriores a esta data, em reedições, muitas delas “piratas”, de algumas editoras do ramo, muitas com nomes “fictícios”, inseridas em coleções especiais, como a famosa Coleção Carrera, da década de 1980. Alguns estudiosos consideram “Sara” a primeira HQ produzida por Zéfiro em 1949. De qualquer forma, sabe que a circulação de sua obra ocorreu entre as décadas de 50-70, tendo como auge os anos 60 em que seus trabalhos ganham notoriedade entre jovens e adultos ávidos por seu material. Sua venda era dissimulada, já que eram expressamente proibidas, sendo vendidos de forma escondida, muitos são os relatos e bibliografia que confirmam estas façanhas.

As HQs foram publicações pornográficas que circularam sob a alcunha de “revistinhas de sacanagem” e/ou “catecismos”, denominações conforme a região; eram produzidas de forma clandestina, fora de um esquema de produção capitalista estruturado e/ou nos moldes de uma indústria cultural (produção → distribuição → divulgação → consumo), que fundamentava a produção editorial dos quadrinhos clássicos. De fabricação caseira, tinha todos os aspectos que lhe identificam assim, tanto na técnica do desenho como na impressão e venda, sendo comercializada de forma marginal em bancas de revistas, até dentro de bíblias e/ou outros periódicos. Carlos Zéfiro não é considerado pela crítica especializada no desenho um bom artista, pois não tinha um traço peculiar já que copiava muitos desenhos de outros livros, o que sobressaía no seu trabalho era a narrativa. A narrativa objetiva, clara trazia elementos que lhe identificavam entre os demais, pois Zéfiro além da representação do ato sexual, clímax da narrativa, compunha um texto que trazia todos os elementos necessários para

tal fim – táticas de paquera, sedução, de envolvimento com uma mulher, formas de intervir e de se conter conforme a situação.

De formato quase inalterado nas diferentes décadas, formato do papel de ¼ ofício, tipo edição de bolso e/ou literatura de cordel. Teve algumas edições com dimensões maiores, de ½ ofício, eram exemplares especiais. Tinha em média 32 páginas, todas as edições disponíveis alternam entre 24 e 32, acima disto apenas esporádicos números especiais em dois e/ou mais volumes (constituem as Coleções). Informações precisas ou mais consistentes sobre a obra de Carlos Zéfiro, estão em pesquisa, já que é uma obra de difícil acesso e pelo caráter de circulação clandestina não possuiu registros de produção ou de comercialização, não se pode, sequer, precisar quantitativamente as HQs, alguns estudiosos consideram cerca de 800, Otacílio de Assunção mensura apenas 500. Uma das formas de aquisição é o site carloszefiro.com, elaborado pelo fã da obra, Dave Braga que compilou e digitalizou (escaneou) as HQs disponíveis em sua coleção que conta com aproximadamente 500 exemplares. Outra forma são as recentes reedições feitas pela banca de revista carioca A Cena Muda. Um dos meus primeiros passos na quantificação da obra de Carlos Zéfiro é cruzar as diferentes catalogações existentes, para passar para análises mais específicas identificando por exemplo, possíveis HQs que não foram produções de Carlos Zéfiro. Pois como salientou: “*Fabiano Barroso (In BAGNARIOL. 2004, p.130) afirma que “hoje se sabe que muitos dos catecismos publicados e supostamente assinados por Zéfiro, na verdade eram falsos.”* (MAGALHÃES, p.5) Isso se deve ao sucesso atribuído pela assinatura de Zéfiro, que se tornou para época “selo de garantia” quando se referia a qualidade na narrativa e no quadrinho erótico, possibilitando que “*Zéfiro (...) torna-se um dos maiores ícones do quadrinho nacional; seja por sua temática tão peculiar, seja por seu folclórico anonimato*” (MAGALHÃES, p.5).

Hqs e a pesquisa historiográfica:

As HQs ou histórias em quadrinhos são um produto da cultura de massa que “*nasceram com a industrialização do entretenimento popular no mundo ocidental*” (PATATI; BRAGA, p.20), apesar de sua arte ser milenar, remontando ao grafite pré-histórico ao 3D contemporâneo. Por serem produzidas em uma determinada época por sujeitos históricos situados, são produções sociais e culturais que expressam inúmeros valores que permeiam seu tempo de produção e incidem interpretações em recepções em sua e outras épocas. As HQs tratadas aqui foram produzidas por Carlos Zéfiro, entre as décadas de 1950-70 e de conteúdo erótico. Nestas obras como em outras, como

salientou Joatan Preis Dutra: “Ao analisar mais profundamente as HQs, não só de maneira textual, como também pictórica, podemos obter nas suas entrelinhas um universo amplo de informações e conceitos.” (DUTRA, J. P., p. 6).

Pois, como afirmou o autor: “As Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e isentas de influências. As ideologias e o momento político e social moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado gibi.” (DUTRA, J.P. p. 8).

Portanto, a HQ não deve ser lida apenas como um objeto cultural com o simples objetivo de entretenimento, mas deve-se proceder uma leitura crítica, teoricamente fundamentada, em que se atenha em todos os elementos que compõe sua narrativa visual e textual em concomitância aos debates sociais, culturais e políticos em que sua produção está inserida. É neste sentido que estudá-las, tratá-las enquanto objeto de pesquisa e de investigação, é buscar em outros discursos discussões que permitam compreender a sociedade em que foram produzidas. Assim não apenas uma investigação analítica técnica que inventaria e esmiuça as técnicas de produção, os processos, métodos, nem apenas estética, anotando tendências, estilos, traços, mas também, em articulação com um estudo do discurso visual e textual, atentando-se em representações, concepções, imagens e como tais elementos são relevantes para a análise conjuntural da sociedade em questão.

A HQ enquanto objeto tem sido tratada em perspectivas culturalistas (Estudos Culturais) que analisam a indústria cultural, as mídias, a comunicação social e a cultura de massas; História Cultural, em que se investiga as representações; na perspectiva da História das Idéias e da Leitura, tratando de Hqs em períodos como a Revolução Francesa e das Guerras Mundiais do século XX em articulação com o seu contexto de produção. Também há estudos da Linguística, Análise do Discurso e da Antropologia Social e da Imagem. No campo historiográfico sua inserção tímida se deu na “crise dos paradigmas” e com a Nova História e o advento de uma denominada História Cultural, em que houve um alargamento dos objetos e temáticas, abarcando produções antes rechaçadas. Como sublinharam Erica Simões Castelão e Robérico Celso Gomes dos Santos:

“Na Historiografia, até o início do século XX, a noção de documento histórico possuía um sentido de prova jurídica, era evidência de uma verdade histórica, prova de eventos do passado. Entretanto, ainda na primeira metade desse mesmo século, a Nova

História questionou as formas de se produzir história e a noção de documento. Essa nova corrente historiográfica defendia que o conhecimento histórico deveria ser produzido “com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gestos e as maneiras de ser do homem.” (FEBVRE, s/d, P.249), recusando a noção anterior de documento a qual priorizava registros oficiais, e predominantemente verbais.” (CASTELÃO, E. S.; SANTOS, R.C.G. dos., p.2).

Considerando o artigo dos autores citados na referência acima, deve-se ao tratar a HQ enquanto objeto para análise historiográfica devemos considerá-la: *“como um documento histórico é necessário, além de considerá-la como uma representação social, perceber como ela funciona enquanto produtora de memórias. Para isso, precisamos analisá-la enquanto linguagem e examinar seu(s) discurso(s).”* CASTELÃO, SANTOS, p. 8).

Análise Queer, algumas questões: Masculinidade(s) e outros corpos

Na tradição dos *men's studies*, *“é possível identificar duas grandes tendências no conjunto dos trabalhos sobre as masculinidades: 1) aqueles que partem da problematização da chamada ‘crise do masculino’ sob a perspectiva das relações de gênero – idéia surgida nos anos 1960 influenciada pelo feminismo das diferenças e pelo movimento homossexual, centrada no conceito de identidade masculina; 2) aqueles que tratam das várias possibilidades de falar no masculino e nas masculinidades em seus diversos sentidos constituídos – incluem-se aqui os trabalhos que utilizam como categoria central a ‘masculinidade hegemônica’”* (TONELI, ADRIÃO, p.95). É a segunda perspectiva que fundamentará a análise sobre a obra de Carlos Zéfiro. Pois, nesta é possível problematizar o conceito de identidade masculina, tão caro a primeira perspectiva, e que é um dos pontos fundamentais na Teoria Queer, até para avançar na compreensão das relações de sexualidade e de atribuições de gênero que a obra de Zéfiro não escapa.

Para se pensar a masculinidade, ou melhor, masculinidades no discurso zeferiano, trabalha-se com as seguintes noções e/ou conceitos e questões:

1. A partir da leitura, pensar em masculinidades, múltiplas expressões do masculino;

2. A problematização de uma suposta identidade masculina, forjada a partir da reiteração constante de elementos hegemônicos de uma masculinidade fechada e fixa, mas que se constata em contraposição com a materialidade dos corpos masculinos nas HQs, para isso fundamenta-se a análise, com o auxílio e questionamento do conceito de performatividade e identidade desenvolvidos por Butler;

3. Desconstrução do binarismo fundamental: masculino/feminino, a partir da minuciosa leitura da agência do masculino e representação polimorfa do feminino, atentando-se nas múltiplas e contraditórias atribuições e da construção de um discurso fundamentado nos pressupostos de uma heterossexualidade compulsória.

Contudo o trabalho não pretende-se operar de forma de constatação, mas que possibilite até pensar os limites e insuficiências destes pontos analíticos, pois, com a desconstrução das categorias é inevitável o sentimento de falta de referência. Com certeza, ao chegar neste ponto experimenta-se o ponto de subversão queer em que se refere Suzane Luhman, que salienta que este se encontra no “*momento de inteligibilidade*”, no ponto no qual não se consegue explicar e/ou pensar determinado objeto (LOURO, 2004, p.61).

Deste ponto, pensar as incoerências e descontinuidades é salutar num objetivo de apreender um sistema de significação mais amplo e que preze, primordialmente, a diversidade do sujeito e suas práticas.

O esforço da categorização de gênero e sua naturalização, acaba por forjar (ou *enredar*, conforme Butler) sujeitos, que se colocam entre a ação e a paródia. Daí é recorrente os estereótipos e binarismos, que ao mesmo tempo em que se pretendem classificar e ordenar, acaba por dismantelar-se na circulação, ora evidente ou não, dos próprios elementos de distinção e fundação dos gêneros. Neste sentido algumas questões e pontos desenvolvidos por teóricos Queer, relativos a questão da dicotomia homo/heterossexual, mas no caso, revertendo o processo de acordo com as características das HQs zeferianos, são fundamentais para a desconstrução do binarismo: masculino/feminino.

“Conforme Seidman (1995, p.129), ‘permanece intocável o binarismo heterossexual/homossexual como referência mestra para a construção do eu, do conhecimento sexual e das instituições sociais. Esse posicionamento parece insuficiente, uma vez que não abala, de fato, o regime vigente. Segundo teóricos e teóricas Queer, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a

classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referência. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse 'outro' permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. Numa ótica desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida 'natural'." (LOURO, p.45-46).

Algumas ressalvas são necessárias para se contextualizar este trecho, fundamental a análise, mas com propósitos diferenciados. Há, primeiramente, que se observar que um dos principais objetivos da maioria dos estudos Queer é que são voltados para os estudos das “*sexualidades alternativas*”. Os estudos queer, são estudos que nasceram no bojo das discussões sobre os estudos de sexualidade vigente nos anos 80, notadamente os estudos feministas e gays, lésbicos e transgênero. Os estudos queer, pretendiam avançar em determinados pontos que aqueles estudos propunham, em diversos pontos. Muitos destes que insurgiram advieram do interior daqueles movimentos intelectual e político. Por exemplo, houve a cisão no interior do movimento feminista, entre feministas lésbica e feminista, por que se notava que as políticas feministas, a partir de uma aparato teórico específico, determinava o sujeito da ação política e restringia e excluía a complexidade do sujeito pelo qual o movimento se voltada a auxiliar/representar. E neste contexto que surge discussões como a de Judith Butler (destaca-se sua obra *Gender Trouble – feminism and the subversion of identity*). Além das questões que se processaram no interior do movimento feminista, surgiram questões que advieram do movimento gay e das sexualidades alternativas. Percebe-se, ao longo do movimento gay, um esforço da construção de uma identidade homossexual, para se projetar uma ação política de inclusão. A constituição de uma identidade implica na nomeação e na exclusão, o que ocasionou problemas internos pois muitos não se identificavam com tal identidade que se forjava e que acaba por hierarquizar sujeitos e tentava-se regulá-los numa norma, que como apresentou o trecho acima, binarista e heterossexualista. Daí, surge um movimento de intelectuais que pretendem questionar esta identidade, o gênero, a cultura; e seus estudos acabam por voltarem-se para sujeitos

que não se enquadram a estas determinações, sujeitos que subvertem. E por isso, que muitos trabalhos Queer se voltam para temáticas como: os intersex; práticas “heréticas” (na denominação de Foucault); estudos sobre travesti, transexuais, pansexuais, bissexualidade². E tais práticas e sujeitos, pela lógica binária e naturalista acabam sendo associadas com a homossexualidade, outra forma de reduzir e ajustá-los numa norma heterossexualista compulsória.

Uma forma de desconstruir os gêneros, questionar identidade, sexualidade natural, normas, um dos processos interessantes é voltar-se, não para as práticas subversivas de gênero, mas para o próprio discurso da heterossexualidade e mostrar como tal comporta indefinições e instabilidades que os mesmo tentam eliminar. E também voltar para o binarismo clássico presente nas HQs, que é o de masculino e feminino. Assim, determina-se o masculino como ponto de partida, pensá-lo em correlação com o seu oposto (feminino) e constatar até que ponto estes se distingue como divisões rígidas de categorização, que se sujeitam a uma normatização e quando subvertem ou pressupõem contrariedade e como tais sujeitos podem ser pensados como categorias de gênero construídas discursiva e culturalmente. E qual o limite de se pensar a oposição entre sexo/gênero, e a articulação entre as categorias de gênero na representação da sexualidade, nos dispositivos de recalçamento³ e definição binária.

A partir daí que pretendo contemplar e avançar, se possível, nos pressupostos indicados no trecho acima, mas baseando-se na desconstrução da constituição dos gêneros: masculino/feminino, desestabilizando tais categorias e como os elementos de atribuição dos mesmos se articulam discursivamente, num conjunto mais amplo de

² E neste sentido que se tem o significado Queer, que em inglês significa, “estranho”, “extraordinário”, esquisito; mas também é uma forma pejorativa e jocosa (gíria) de identificar e denominar homossexuais masculinos e femininos (similar aos termos “bicha”, “veado”, “sapatão”, usado em português)

³ Recalçamento, é um termo retirado dos estudos de Freud sobre a sexualidade. Freud demonstrou em seus estudos, que na constituição da sexualidade, o sujeito passa por um processo de reprimir os elementos que não devem constituir sua conduta sexual, assim além de enfatizar a idéia de repressão, que é um mal necessário, também é contundente na idéia de culpa que conjuntamente com os mecanismos adequados a cada fase (infância, a autoridade paterna e subseqüente, o Estado e suas instituições), conseguem efetivar o controle social, a partir da constituição de uma sexualidade apropriada e uma moral (MANTEGA, p.12-17). Ocorrerá assim neste processo de constituição da sexualidade nos sujeitos e destes próprios, o processo de recalçamento, no qual “o sexo (...) que domina a pessoa teria recalçado no inconsciente a representação psíquica do sexo vencido” (NOLASCO, p.17). Prevalece, portanto, a lógica que Derrida contesta dos binarismos (LOURO, p.42-43) e a heterossexualidade compulsória, falocentrismo e identidade, tanto discutida por Butler e outros teóricos Queer.

significação da sexualidade, compreendida a partir de pressupostos queer, como o da identidade hegemônica (problematizá-la) e da heterossexualidade compulsória⁴.

Desconstruir esta lógica e atentar-se as representações e os múltiplos caracteres que estabelecem estas, orientam para uma análise que pretende, ao mesmo tempo opor a uma análise de categorias cognitivas fechadas e insuficientes e também avançar em compreensão da sexualidade e dos sujeitos sexuados, sendo libertária no sentido interpretativo da própria indeterminação e incoerência de sua ocorrência, que são forçosamente suprimidas por categorias redutoras e fixas, perdendo a complexidade e a própria natureza dos objetos em que são alvos.

A partir da leitura minuciosa das HQs de zéfiro, persistem elementos hegemônicos, mas ao mesmo tempo, que se propõe, intencionalmente ou não, regular, estes sujeitos e corpos não se conformam, subvertem, escapam nos espaços e ocasiões que os mesmos encontram, não apenas por subvertem em si mesmo, ir contra, mas expressar seus desejo, talvez impossível de ser restrito e modelar. Assim, neste processo de desconstruir, propõe-se analisar, através da contribuição do trabalho de Butler, a performatividade do masculino e dos outros corpos, a articulação, portanto, entre os corpos, instâncias de desejo, pulsões com as normas e identidades fundamentadas em elementos hegemônicos e inalienáveis. A performance/performatividade é um termo que Butler traz da lingüística, que significa sinteticamente como explicou Louro:

“o conceito de performatividade (...), para afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo, não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. Esse processo é constrangido e limitado desde seu início, uma vez que o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria, materializa. Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos ‘abjetos’ – aqueles que escapam da norma. Mas, precisamente por isso, esses sujeitos são socialmente indispensáveis, já que fornecem o limite e a fronteira, isto é, fornecem

⁴ Desta forma a análise se procederá, conforme propôs Derrida. O trecho seguinte de Louro sintetiza a relevância da proposta deste autor acerca da desconstrução dos binarismos lingüísticos para os estudos Queer de sexualidade: “A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, sem si mesmo, fragmentado e plural.” (LOURO, p. 43). É neste sentido que se pretende discutir masculinidades.

o 'o exterior' para os corpos que 'materializam a norma', os corpos que efetivamente 'importam'." (LOURO, 2004, p.45).

Assim, este conceito permite avaliar a composição e atuação dos corpos, suas práticas e definições e, também, sua inaptidão, sua rebelião a um modelo fixo, restrito e que se preza hegemônico, além de uma análise discursiva do processo de diferenciação dos corpos e da produção social e cultural da diferença e das identidades de gênero e sexual. A masculinidade, nas HQs é um ponto de articulação destes antagônicos pressupostos, pois revelam seus locais de tensão, de convergência, de fissuras e de continuidade e descontinuidade das normas. As HQs não é um discurso que carrega o pejo intervencionista de um discurso lícito, pois elas dão vazão a uma expressão mais deliberada de corpos, desejos e práticas, mas isso não a imune de uma postulação normativa, portadora de um discurso pertinente e de efeito, só que este discurso também se vê questionado pela própria expressão irrefreável da sexualidade. Assim, investigar o masculino não apenas pelo aparente e explícito, deve-se esmiuçá-lo, confrontá-lo com determinações e classificação e, principalmente, analisar suas práticas e significados que não seguem propositalmente uma norma regulatória, assim atentar-se aos “*conflitos, as brechas, os interstícios, as fissuras e as disjunções que possibilitam que os sujeitos subvertam as normas de gênero*”⁵ (PEREIRA, p.470).

Tratar de subversão nos corpos masculinos e femininos talvez seja hiperbólico, face a uma classificação binarista e naturalista, que orienta para o estranho, através de uma norma heterossexualista, apenas quem está fora deste eixo; pensar assim, é permanecer numa análise de pressupostos essencialista e normativo. Proceder de outra forma, considerando a subversão dos corpos, no caso do masculino nas HQs, é de não se pensar restritamente, em uma masculinidade hegemônica, mas pensar em Masculinidades, no plural. Pois, “*Se as sociedades inventam formas de regular e de materializar o sexo nos sujeitos, e se essas “normas regulatórias” necessitam ser repetidas frequentemente, citadas e reiteradas amiúde, há, contudo, torções e lapsos no processo. Os corpos, assim, não se conformam diretamente às regras que os regulam, nunca aderindo completamente às normas que impõem as suas materializações. (Butler, 1999:154) A invenção dos corpos pressupõe, portanto, a sua reinvenção contínua. (...) então, compreender as performances dos sujeitos que não se conformam em e com seus corpos e como nas práticas cotidianas procuram adequar corpo, sexualidade e gênero, reinventando-os.*” (PEREIRA, p.470-471). Esta reinvenção do

⁵ Este trecho foi retirado da resenha do livro “*A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência Transsexual*”, de Berenice Bento

masculino, suas adequações, vicissitudes e rupturas, e as brechas que permitem contemplar tal processo.

Neste sentido, entender as masculinidades a partir deste argumento é mais salutar. Entender as normas regulatórias como mecanismo de enredar e produzir uma masculinidade hegemônica, mas também permitir, através das brechas e interstícios produzir corpos, sujeitos e práticas que não se ajustam, mas compreender tal processo, não apenas como subversão, mas também de re-significação de corpos, de identidades, de modelos, de práticas, atribuições e categorias. E as HQs comportam estas normas, mas também seus reverses, seus deslocamentos, suas “estranhezas”.

Num esforço discursivo de conter a complexidade do gênero, reduzindo a binarismos naturais e intratáveis, que comportam uma identidade específica, sem resistência ou questionamento em seu interior e constituição, e que são de forma discursiva reiteradas, compulsoriamente, há determinadas atribuições que não escapam a lógica das determinações coerentes da sexualidade, como no caso a bissexualidade e a homossexualidade. A bissexualidade é ofuscada por um discurso heterossexual, que se limita a dicotomia de passividade/atividade, atribuindo a masculinidade a atividade e a passividade ao homossexual, que é uma caricatura, personagem aliás, sempre, secundário. Revertendo as indagações e as classificações e denominações imediatas e binaristas, como pensar a inserção do desejo homoerótico num discurso heterossexual masculino? Como se constrói a imagem masculina de um personagem que mantém relações sexuais com homens e mulheres? Em que medida tal postura do sujeito corrompe uma lógica heterossexualista compulsória, que se pretende uma identidade masculina hegemônica? Como se processa a constituição indentitária da masculinidade? Masculinidade e seus reverses ou masculinidades? Bissexualidade ou a presença da imagem do “duplo macho”? Estas são apenas algumas questões possíveis acerca da sexualidade masculina nas HQs, talvez a mais significativa residirá na articulação entre o feminino e o masculino nas HQs, em que medida estes se encontram, se distam, se refletem, se divergem, se fundem, se escapam e/ou se controlam pelas amaras discursivas. Butler expõe uma indagação relevante e inquietante: *“mesmo que construtos heterossexistas circulem como lugares praticáveis de poder/discurso a partir dos quais faz-se o gênero, persiste a pergunta: que possibilidades existem de recirculação? Que possibilidades de fazer o gênero repetem e deslocam, por meio da hipérbole da dissonância, da confusão interna e da proliferação, os próprios construtos pelos quais os gêneros são mobilizados?”* (BUTLER, p.57). Com certeza, as HQs dão

pistas destes espaços de circulação e resignificados, de se reelaborar ou intencionar de forma indireta tal propósito. Deste modo, analisar a masculinidade por este viés, não é indeterminar o masculino, enquanto categoria amorfa, ou classificá-lo conforme nomenclaturas pejorativas, como homem-feminino e mulher-masculina, mas constatar como se dá a articulação destes gêneros, do discurso cultural à efetiva materialização dos corpos, pois como Butler salientou:

“É que as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (...) O ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2000 p.155)

Nestas determinações que são instáveis, às vezes caindo na ambigüidade e na contradição, comprometendo a própria estrutura que se pretende estabelecer, Butler apresenta no trecho abaixo argumentos importantes para este processo interpretativo, de compreensão e desconstrução das categorias e nomeações da sexualidade. Expressa Butler:

“Observe-se que não só as ambigüidades e incoerências nas práticas heterossexual, homossexual, bissexual – e entre elas – são suprimidas e redescritas no interior da estrutura reificada do binário disjuntivo e assimétrico do masculino/feminino, mas que essas configurações culturais de confusão do gênero operam como lugares de intervenção, denúncia e deslocamento dessas reificações. Em outras palavras, a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de ‘heterossexualidade’, ‘homossexualidade’ e ‘bissexualidade’, bem como os lugares subversivos de sua convergência e re-significação. O fato de os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida – como se isso fosse possível. E se a repetição está fadada a persistir como mecanismo da produção cultural das identidades, daí emerge a questão crucial: que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora da identidade?” (BUTLER, p. 57)

Talvez o estudo das HQs esgote apenas até o ponto da re-significação apresentado no trecho abaixo, mas seria interessante de pensar este discurso de Zéfiro como ponto de partida de uma subversão, o que denotava seu caráter que será aqui arranhado de forma agressiva que é referente a nomeação de gênero, notadamente a masculinidade. Pois, se pretende desconstruir uma categoria fixa e coerente, pressupõe uma subversão de uma identidade, de corpos que reiteram, repetidas vezes, quando lhes são permitidos os cabíveis espaços, de re-significar a própria identificação e configuração. Contudo, o trabalho pretende ser mais modesto, em termos de análise e objetivo, mas nada pretensioso neste sentido.

Para tanto, pensar em masculinidades, num sistema que se presume (as)simétrico e dicotômico; o masculino, portanto, se constitui por via de uma oposição, que se fundamenta excluindo elementos que não lhe pertence de forma inteligível e pragmática. É neste sentido que o feminino alça vulto relevante ao processo de compreensão e construção do masculino e, principalmente, elemento importante para proceder o movimento contrário, o de desconstrução. Pois, pensar o masculino e o feminino como categorias que angaria elementos inassimiláveis entre ambos, é cair na dicotomia, mas pensá-las como categorias que se incorporam para própria distinção é desconstruir uma estrutura rígida e essencialista, que permite pensar em masculinidades, que tem correspondência com a representação desejada. Pensar o feminino não como oposição de gênero, mas categoria que se pretende opor ao masculino. Rechaçar caracteres, signos, símbolos, comportamentos, condutas, ações são vetores paralelos, que não permitem contato, mas repulsão para própria definição. Este é um critério que não se valida na análise queer das HQs e corrompe, em termos de compreensão, o conteúdo da obra de Zéfiro e da masculinidade, como objeto-problema.

Bibliografia

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado, pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.151-172.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELÃO, E. S.; **SANTOS**, R.C.G. dos. *Níquel Náusea: a narrativa das HQ's como documento histórico*. In: GRAPHICA. Paraná: Curitiba, 2007

D'ASSUNÇÃO, Otacílio. *O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro, uma análise da obra do mais genial desenhista pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1984 .

DAMATTA, Roberto. “Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro”. In: Marinho, Joaquim. *A arte sacana de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 [apenas referência, livro indisponível].

DUTRA, Joatan Preis. *História & História em Quadrinhos. A utilização das HQs como fonte histórica político-social*. Santa Catarina: Ilha de Santa Catarina, UFSC/DFCH/DH, 2002 Monografia de História.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

GROSSI, M. P.; **BECKER**, S.; **LOSSO**, J. C. M.; **PORTO**, R. M.; **MULLER**, R. C. *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. “Estranhar” o currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.55-73.

_____. *O corpo educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Uma política pós-identitária para a Educação*. In: LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.27-54.

MAGALHÃES, Henrique. [*Indigestos e sedutores: o submundo dos quadrinhos marginais*](#). In: Cultura Midiática. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Vol. II, n.º 01 jan/jun/2009, p.1-10.

MANTEGA, Guido. *Sexo e poder nas sociedades autoritárias: a face erótica da dominação*. In: MANTEGA, G. *Sexo e poder*, p.9-34.

MARINHO, Joaquim (org.). *A Arte sacana de Carlos Zéfiro: 7 histórias completas*. 3 ed. São Paulo: Marco Zero, c.1983. 165 p.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero*. In: NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p.15-29.

PATATI, Carlos; **BRAGA**, Flávio. *Almanaque dos quadrinhos. 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *A teoria Queer e a reinvenção do corpo*. In: Cadernos Pagu (27), julho-dezembro de 2006, pp.469-477 [versão eletrônica].

PERLONGHER, Nestor O. *O negócio do michê, a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PINO, Nádía Perez. *A teoria Queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos*. In: Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007, p.149-174 [versão eletrônica].

PRECIADO, B. *Entrevista com Beatriz Preciado (por Jesús Carrillo)*. Cad. Pagu, n.28, p.375-405, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Multitudes queer**. Notas para una política de los "anormales". In : Multitudes – Revue politique, artistique philosophique, 21 mai 2004. Disponível em : <http://multitudes.samizdat.net/Multitudes-queer,1465>.

RODRIGUES, Carla. *Butler e a desconstrução do gênero* (resenha). In: Revista Estudos Feminista, Florianópolis, vol.13, p.179-183, janeiro-abril/2005 [versão eletrônica].

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, [versão eletrônica].

SILVA, Marcos Antonio da. *Prazer e Poder do Amigo da Onça*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

TONELI, M. J. F.; **ADRIÃO**, K. G. *Sexualidades masculinas: perspectivas teórico-metodológicas*. In: GROSSI, M. P.; BECKER, S.; LOSSO, J. C. M.; PORTO, R. M.; MULLER, R. C. *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p.93-106.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Una visión del erotismo en la cultura latinoamericana en las obras del artista Carlos Zéfiro*. In: *Revista Latinoamericano de Estudios sobre la Historieta La Habana*, v. 1, n. 3, p. 139-46. 2001.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.35-82.